

Implicações literárias, políticas e estéticas sobre o regionalismo

Mestrando Davi da Silva Gouveia (UEPB)

Resumo:

Este trabalho objetiva realizar uma abordagem acerca das questões literárias, políticas e estéticas referentes ao Regionalismo. Para tanto, nos valeremos das discussões de Antônio Candido, Humberto Hermenegildo de Araújo, J. Aderaldo Castello, Eduardo F. Coutinho, Moema Selma D'Andrea e Ligia Chiappini Moraes Leite. Trazemos o regionalismo como vertente temático-literária, relacionada, por exemplo, às questões da terra e a busca por identidade, notadas desde o Romantismo. Além do mais, focamos a discussão-manifesto de Gilberto Freyre, na qual o regionalismo aparece como uma espécie de resposta ao modernismo. No mais, trataremos o regionalismo como estética literária ampla atrelada a uma concepção dialética do local-universal a partir de considerações sobre Fogo Morto, de José Lins do Rêgo.

Palavras-chave: regionalismo, literatura, política, estética literária

1 Introdução

Pretendemos fazer uma abordagem acerca das questões **literárias, políticas e estéticas** contemplativas ao Regionalismo. Para tanto, dividimos o presente trabalho em três seções distintas. Na primeira trazemos o regionalismo como vertente temático-literária, relacionada, por exemplo, às questões da terra e a busca por identidade notadas desde o Romantismo. Na segunda focamos a discussão-manifesto de Gilberto Freyre, na qual o regionalismo aparece como uma espécie de resposta ao modernismo – ambos aqui consistem em movimentos ideológicos que traduzem arestas relacionadas à ideologia política e econômica marcantes da relação entre o nordeste e o sudeste brasileiros. Por fim, na terceira seção, trataremos o regionalismo como estética literária ampla atrelada a uma concepção dialética do local-universal. Aqui, também insinuamos o desfecho da nossa discussão e apresentamos considerações sobre **Fogo Morto**, de José Lins do Rêgo, por entendermos que essa funciona como obra-síntese das questões que aparecem no nosso trabalho.

2 O Regionalismo e a temática literária

Apresentamos o tema regionalismo a princípio associado à questão da terra bem como com a identificação do indivíduo com ela. Não entendemos, no entanto, aqui o regionalismo como corrente dentro de uma sistematização literária, mas, como princípio embrionário da Literatura Brasileira em plena colonização. Castello (1999) nos ajuda a compreender melhor esse princípio na medida em que pontua o processo de identificação da Literatura no Brasil Colônia, desde a relação homem-terra no advento da colonização. Compartilhamos da idéia do autor que acrescenta ainda “a progressiva conscientização da relação indivíduo-pátria, do sentido local ao nacional” (CASTELLO, p. 18).

Aqui, temos o princípio do regional em sintonia com o pertencimento territorial. Inevitavelmente há a identificação com peculiaridades locais que reforça (ou não) esse pertencimento. O regionalismo estaria então sintonizado com a representação dessas características específicas. Vejamos a seguinte observação de Lígia Leite:

A crítica tem definido o regionalismo como a corrente literária à qual pertence

“qualquer livro que intencionalmente ou não traduza peculiaridades locais” [...]. Essas peculiaridades locais são, em geral, pensadas conteudisticamente e geograficamente como paisagens, tipos, costumes, credences, superstições, modismos de determinada área do país (LEITE, 1994, p. 667).

Observemos que a representação do local aparece como sinônimo de regionalismo. Dessa forma, a expressão do local poderia aparecer em manifestações literárias diversas que não se enquadrasse necessariamente em uma vertente. Vejamos:

[...] como categoria histórico-crítica, o regionalismo é excessivamente abrangente, abarcando autores e obras muito diferentes entre si, originados e/ou localizados em diversas regiões de norte e sul do Brasil, distribuídos em diferentes momentos da nossa história, do romantismo aos nossos dias (LEITE, 1994, p. 667).

Convém esclarecer que não pretendemos “enquadrar” o regionalismo em uma determinada categoria estética; ao contrário, estamos tentando problematizar tal categorização. O regionalismo estaria então como um tema flexível que perpassaria variações geográficas e históricas.

Elas [**obras literárias**] delineiam a trajetória interna da nossa literatura em etapas sucessivas correspondentes aos quatro grandes períodos de nossa história social e política: o nativismo, no Período Colonial (séculos XVI e XVII); o nacionalismo romântico no Império (da Independência à República, ou seja, o século XIX); e durante a República (“velha” e “nova”), o neonacionalismo e brasilidade. São coordenadas interpenetrantes e interdependentes (CASTELLO, 1999, p. 18 – **grifo nosso**).

Tomemos nota dessa periodização: existe uma interligação permeada pela questão do indivíduo em relação ao território que aparece implicitamente em termos como **nativismo**, **nacionalismo romântico**, **neonacionalismo** e **brasilidade**, transcorrentes nos macro-períodos citados. Em períodos distintos então, apareceria a busca pela sintonia do indivíduo com o território numa construção identitária que não estaria restrita a uma determinada corrente estética e literária.

O Regionalismo seria, a princípio, parte da própria busca da identidade e do pertencimento do indivíduo frente a determinadas localidades.

3 Regionalismo e política

Apresentamos até aqui uma concepção temática do regionalismo atrelado à terra e conseqüentemente à peculiaridades de determinadas localidades. O regionalismo seria então, um tema presente em contextos políticos diversos e refletiria, na Literatura, diferentes momentos estéticos de criação, porém tendo como fio-condutor a questão território-indivíduo.

Porém, em um desses momentos específicos de movimentos literários, o caráter político se faz presente. Dessa forma, passamos a nos referir ao regionalismo não mais apenas como temática, mas como manifestação política e ideológica e também como resposta ao Modernismo do século XX no Brasil, tendo em vista que “revisitar o regionalismo passa, inevitavelmente, pelo contraponto com o modernismo” (Leite, p. 668). Contraponto aqui, nos traduz certa rivalidade, pois segundo Leite (1994, p. 669): “No Centro do Brasil, para os integrantes da Semana de Arte Moderna, regionalismo soa sempre como algo limitado, estreito, superado”. D’ANDREA (p. 125) acrescenta à observação de Leite, ainda em uma perspectiva de oposição ao Modernismo, porém enfatiza o surgimento de um novo conceito de tanto de Regionalismo quanto de Regionalista. A autora ainda aponta:

O que se tinha antes como um episódico Regionalismo em eventuais levas de

publicações, representado desde o romantismo (mais ou menos) espontâneo de literatura agregada à cor local, aos costumes rurais, assume agora um sentido missionário do bloco regional (D'ANDREA, p. 125).

Há uma clara transição, nas palavras da autora, frente à concepção de regionalismo. Se antes “episódico” em “levas de publicações”, há agora um “sentido”. Percebemos uma característica de movimento político-ideológico que surge frente ao Modernismo, que se reforça ao revisitarmos Lígia Leite:

Tanto o modernismo como o regionalismo são, na verdade, manifestações específicas, em literatura, de uma problemática mais geral da cultura, da política e da organização da sociedade como um todo (LEITE, 1994, p.669).

E mais:

A questão que se põe com o modernismo é a explicitação de algo que já vem de mais tempo: o processo de modernização do país, em relação ao qual o regionalismo, como programa e expressão do programa por determinadas obras, parece ter uma função compensatória (LEITE, 1994, p. 669).

O regionalismo apareceria como resistência e compensação àquele que representaria a modernização do Brasil no início do século XX. O Brasil urbano e cosmopolita que se formara naquele momento era contra-representado pelo regionalismo, este, tradicional e avesso a proposta modernista.

4 Estética universal regionalista

Podemos falar agora em “vários regionalismos brasileiros”, já que o entendemos tanto como uma temática quanto como um movimento. A problemática que nos faz presente é o que seria de fato parte de um regionalismo literário, já que reconhecemos a dimensão político-ideológica da questão.

Para discutirmos tal problemática trazemos a seguinte contribuição de Araújo:

[...] o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma tendência – o regionalismo – que se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional (ARAÚJO, 2008, p. 119).

A questão não se resolve ainda, tendo em vista que o regionalismo neste momento configura-se como uma “expressão local” e um “gosto pelo exótico”, remetendo assim negativamente, no nosso ponto de vista, a tipos e clichês. Outra questão apareceria da relação entre *temática* e *política* apresentadas até aqui como formas de manifestações regionalistas. A justificativa do autor (2008, p. 121) aparece da seguinte forma: “Trata-se de um processo histórico dentro do qual há continuidades e rupturas, com implicações que extrapolam os limites do sistema literário propriamente dito”.

Desta forma, há muito mais rupturas do que relações no que se refere ao regionalismo como estética. Conforme o autor, “extrapolam” as sistematizações. É anunciada, no entanto, pelo próprio autor (2008, p. 122) a celebração da natureza e o interesse por costumes e regiões e complementada por ele (2008, p. 123): “A região seria, pois, um quadro natural e social”.

Percebamos as pistas sobre o que seria o ponto central da nossa discussão: o regionalismo transgrediria um conceito de temática forjadora de uma identidade ligada a terra bem como de um manifesto específico da ótica freyriana. Houve com isso uma espécie de evolução do tema, de

acordo com a consideração seguinte:

Superado o regionalismo pitoresco vinculado ao otimismo patriótico dos românticos, o tema regional se transformou; mas permaneceu, uma vez que o atraso básico do país periférico se prolongava no século XX [...] (ARAÚJO, 2008, p. 125).

A palavra “superação” supracitada pressupõe que estamos diante de um novo paradigma regionalista. Candido (1975) nos propõe uma relação local-universal destacando a validade universal da dimensão regional literária afirmando que essa pode “construir uma literatura universalmente válida por meio de uma intransigente fidelidade ao local”. Araújo (2008, p. 217) acrescenta: “Neste sentido, o regionalismo sobrevive como uma tendência que se nutre da tensão dialética entre o local e o universal”.

Mesmo se reconhecermos o regionalismo como estética, acrescentamos, pois, a idéia de universal; sendo assim, ele traduziria valores de caráter globais. Difere assim do que havíamos discutido na primeira parte deste trabalho, quando o regionalismo apareceu como tradução do local e busca por uma identificação do indivíduo para com determinada localidade. Conforme o autor: “O salto qualitativo da transcendência do regional seria alcançado graças à incorporação em valores universais de humanidade e tensão criadora”. (Araújo, p. 128). Definitivamente não é do regionalismo de outrora que falamos agora, mas de uma relação concreta com valores humanos complexos e que permitem a identificação global.

Sobre José Lins do Rego e a sua obra *Fogo Morto*, escreveu Candido:

José Lins do Rego tem a vocação das situações anormais e dos personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais [...] (CANDIDO, 2004, p. 57).

Percebemos que a ênfase crítica dada ao regionalismo de JLR perpassa toda e qualquer situação isolada e peculiar de determinada região, mas pontua as mudanças que são inerentes a paradigmas universais humanos. O autor é pontual ao destacar:

Em *Fogo Morto* há um pouco da atmosfera dos grandes russos, com aquela impiedade em desnudar o sofrimento e pôr a descoberto as profundezas da dor do homem (CANDIDO, 2004, p. 57).

Embora trate de questões locais, a obra é permeada por questões que remetem muito mais a figura do ser humano do que necessariamente a questões ligadas à terra. Consideremos a observação feita por Eduardo Coutinho sobre a obra em questão:

[...] destaca-se o que poderíamos designar de deslocamento do centro de gravidade da ficção da natureza para o homem, responsável pelo surgimento de um novo tipo de regionalismo [...]. (COUTINHO, 1991, p. 430).

Trata-se, segundo o autor, de elementos transgressores e de rupturas de padrões e estereótipos. Os motivos pelos quais esse tipo de narrativa se configura num outro tipo de regionalismo passa ainda segundo o autor:

[...] pela mudança que efetuou na maneira de encarar o elemento regional, substituindo a perspectiva exótica ou ufanista ainda muito em voga nos regionalistas do início do século por uma visão crítica mais madura em que a região passa a figurar problematizada (COUTINHO, 1991, p. 431).

Conclusão

Em suma, se em um primeiro momento vemos o regionalismo como a busca pela identificação do indivíduo com a terra e a reprodução dos tipos regionais como parte desta busca, em outro assinalamos o surgimento do regionalismo como manifestação política. Vemos, no entanto, que narrativas atemporais – a exemplo de Fogo Morto – representam nuances diferentes das apresentadas até então. Neste terceiro momento, o regionalismo se apresenta como transgressor de tipos e parte do regional para o global. A grande questão aqui se apresenta em forma de dialética local-universal, mesmo que a obra em questão trate de uma realidade que é brasileira, nordestina e rural.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **A tradição do Regionalismo na Literatura Brasileira: do pitoresco à realização inventiva**. Revista Letras. Curitiba, n. 74, p. 119-132, Jan/Abr. 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. 3. Ed. revista. Rio de Janeiro: ouro sobre azul, 2004.
- CASTELLO, J. Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade**. São Paulo: Edusp, 1999.
- COUTINHO, Eduardo F. **A relação arte/realidade em Fogo Morto**. In: _____; CASTRO, Ângela Bezerra de. José Lins do Rego. Civilização Brasileira: Edições FUNESC: Fundação Espaço Cultural da Paraíba. Coleção Fortuna Crítica, Vol. 7. 1991. p. 430-440.
- D'ANDREA, Moema Selma. **A Tradição re (des) coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas**. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Do beco ao belo: dez teses sobre regionalismo na literatura**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. 8, n. 15. 1995. p. 153-159.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **Velha praga? Regionalismo literário brasileiro**. In: PIZARRO, Ana (org.). América Latina: palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial, Campinas: UNICAMP, 1994. p. 665-701.